

PROJETO DA(NA) RUA:
Pedagogia e reflexões sobre a ação tática
Project on(of) the street
Pedagogy and reflections on tactical action

Adriana Sansão Fontes

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, Brasil
adrianasansao@fau.ufrj.br

Rodrigo Rinaldi de Mattos

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, Brasil
rodrigo.rinaldi@fau.ufrj.br

Carolina Resende Ferraz

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, Brasil
carolina.ferraz@fau.ufrj.br

Luiz Augusto da Costa Santos Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, Brasil
luiz.filho@fau.ufrj.br

RESUMEN

O Urbanismo Tático é uma abordagem que utiliza intervenções de curto prazo, baixo custo e escaláveis, que permitem o imediato redesenho do espaço público visando futuras transformações. No Rio de Janeiro, o governo vem incorporando-a para melhoria de espaços públicos, muitas vezes sem integração com outros atores, enquanto ações iniciadas pela sociedade civil encontram dificuldades para viabilização. Este trabalho aborda o Projeto da Rua, experiência pedagógica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fundamentada no que Schön (2000) define como "Reflexão na Ação". Duas ações táticas - Praia da Bandeira e Baixo Chile - foram realizadas, revelando aspectos metodológicos, projetuais e de gestão que as aproximam ou diferenciam: os diferentes tecidos urbanos onde as ações ocorreram; os atores envolvidos e sua interação com a equipe; e os níveis de financiamento obtidos para sua concretização.

Palabras clave: Urbanismo tático, reflexão na ação, universidade pública, Rio de Janeiro.

Tema: Espaço público e projeto urbano na metrópole contemporânea.

ABSTRACT

Tactical Urbanism is an approach that uses short-term, low-cost, and scalable interventions, allowing the immediate redesign of public spaces with a focus on future transformations. In Rio de Janeiro, the government has been incorporating it to enhance public spaces, often without integration with other stakeholders, while initiatives from civil society face challenges for implementation. This study explores the Street Design, a pedagogical experience from the Federal University of Rio de Janeiro, grounded in what Schön (2000) defines as "Reflection-in-Action." Two tactical actions - Praia da Bandeira and Baixo Chile - were conducted, revealing methodological, design, and management aspects that either align or differentiate them: the diverse urban fabrics where the actions took place; the involved actors and their interaction with the team; and the funding levels obtained for their realization.

Keywords: Tactical urbanism, reflection in action, public university, Rio de Janeiro.

Topic: Public space and urban design in the contemporary metropolis

Introdução

O Urbanismo Tático é difundido como uma abordagem para construção e ativação de vizinhanças que utiliza intervenções de curto prazo, baixo custo e escaláveis, que permitam o imediato redesenho do espaço público visando testes e transformações futuras (Lydon; Garcia, 2015). Uma de suas formas mais utilizadas costuma ser a das ações “fase zero”, fundamentadas na abordagem do Construir-Medir-Aprender e no ciclo do *design thinking*, cujos conceitos foram adaptados por Lydon e Garcia (2015) ao urbanismo e valorizam o papel do teste de ações e da posta em prática de processos interativos e de baixo custo. Essas ações permitem a análise da transformação inicial do espaço como forma de reconhecer seus reais impactos, para, então, concebê-las para o longo prazo, no caso de bem-sucedidas, evitando despesas desnecessárias (NACTO, 2013).

No Rio de Janeiro o poder público vem incorporando esta abordagem nos processos de melhoria dos espaços públicos, muitas vezes sem a devida integração com outros atores da esfera pública ou privada. Por outro lado, ações iniciadas pela sociedade civil encontram barreiras na viabilização junto ao poder público.

Com o intuito de contribuir para o aprimoramento desses processos, este trabalho objetiva apresentar uma experiência pedagógica recente gestada na universidade pública, no âmbito das disciplinas de ateliê de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil), discutindo as peculiaridades brasileiras que tornam a prática do urbanismo tático, por aqui, por si só um ato de resistência ou subversão, dependendo da lente de quem a observa. A universidade, nesse contexto, operou como interlocutora ora com o poder público e ora com a sociedade civil organizada, contribuindo para construir/aprimorar as pontes entre os setores, visando intervenções mais colaborativas e de maior impacto. Ao mesmo tempo, buscou subverter os processos intrínsecos de aprendizado, apostando em metodologias que exploram o corpo a corpo com a cidade real.

Denominada Projeto da Rua, a experiência está fundamentada no que Schön (2000) define como “reflexão-na-ação”, articulando ensino -ateliê de projeto-, pesquisa -urbanismo tático- e extensão -ações diretas no território envolvendo diferentes atores. Consistiu na realização de duas ações táticas, em 2022 e 2023, em territórios com diferentes tecidos urbanos: Ação 1 - Praia da Bandeira, no bairro residencial da Praça da Bandeira, zona norte do Rio de Janeiro; e Ação 2 – Baixo Chile, na Avenida Chile, localizada na área central da cidade.

1. Ação tática como reflexão na ação

As tradições da educação artística, na qual se insere a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, oriunda das Belas Artes, são, segundo Schön (1992), exemplos de reflexão-na-ação. Instituições dessa natureza têm larga experiência na formação profissional com processos que se diferenciam do saber escolar, recorrentemente descrito como burocrático, regulador e que desencoraja a formação de sujeitos emancipados e autônomos.

Tudo isso tem lugar em processos – neste texto, o projetar – que refletem e, em larga medida, antecipam o que se pretende alcançar no mundo da prática (Schön, 1992). Nos ateliês de projeto, por exemplo, os estudantes começam a desenhar antes de saber o que é o projeto, e isso tem, dentre outras explicações, o fato objetivo de que o preço do erro de realizar sem projetar é muito alto, como pondera Schön (1992); croquis, maquetes, desenhos técnicos e, mais recentemente, simulações computacionais, são modos muito competentes de vivenciar o erro nas disciplinas de projeto e, também, antecipar questões presentes na vida profissional.

O projeto permite voltar atrás, ver o que se fez e poder fazer alterações. Um mundo virtual, termo utilizado por Schön (1992) para o que aqui enfatizamos como projetar, é qualquer cenário que representa um mundo real – um mundo da prática - que nos permite fazer experiências, cometer erros, tomar consciência deles e

tentar de outra forma. E este é um processo incerto e confuso; não há garantias *a priori*, é preciso trilhar esse caminho para saber.

A confusão e a incerteza representam uma das facetas da reflexão-na-ação, onde a aprendizagem implica inevitavelmente um período de confusão, sendo crucial reconhecer essa sensação. Evidentemente, antecipar reflexões sobre questões ou objetos que nossos corpos circunscrevem, como é o caso do *design*, difere-se de antecipar reflexões de projetos que têm como propósito nos abrigar, como é o caso da arquitetura. Pode ser ainda mais distinto quando essas questões pretendem antecipar projetos urbanos e da paisagem. No âmbito do *design*, conhecemos o *design thinking* como um dos métodos de reflexão-na-ação, assim como as etapas de um projeto arquitetônico. Na escala urbana, sobretudo na escala da rua, o Urbanismo Tático é um bom encaminhamento, pois expande formas de experimentação e interação que o desenho por si só não alcança.

Todas estas formas de projetar têm em comum etapas sujeitas a verificações e pontos de retorno, quando não bem-sucedidas as verificações. Embora permitam replicar o processo, as experiências são invariavelmente distintas, pois pressupõem diferentes objetos e, sobretudo, sujeitos, envolvidos. Neste sentido, todas as experiências realizadas, sempre que possível, devem ser registradas, descritas e discutidas, razão do artigo em tela. Soma-se a isso o fato de que as intervenções de urbanismo tático extrapolam os que se engajam diretamente na ação, interferindo, em alguma medida, em todos que os circulam ou permanecem nos espaços intervindos. Sabendo que as intervenções de Urbanismo Tático podem ser mais ou menos duradouras, sua documentação colabora para que todos os envolvidos aprendam com elas, sobretudo nos casos das intervenções efêmeras, casos tratados a seguir.

2. Metodologia

Os ateliês integrados da FAU UFRJ são disciplinas realizadas no oitavo período (quarto ano) do curso de Arquitetura e Urbanismo, que têm como objetivo a integração do conhecimento para o enfrentamento de situações urbanas complexas, sendo compostos por docentes de diferentes disciplinas, além de estudantes de Mestrado e Doutorado que apoiam nas atividades didáticas.¹ As duas disciplinas realizadas em 2022 e 2023 focaram na proposição de soluções de transformação urbana operando em três escalas (plano geral, projeto da rua e ação tática), sendo a terceira uma intervenção efêmera para promover experiências em 1:1 na rua.

Ao longo do quadrimestre, os estudantes trabalharam em grupos de 3 a 4 pessoas para desenvolver um plano geral na escala do bairro (1:1000, 1:500) e um projeto na escala da rua (1:250, 1:100). A ação tática foi a terceira etapa, de apenas 1 mês de duração, e operou como teste para “antecipar uma configuração futura do local, de forma a avaliar os impactos das mudanças sobre os usuários e as novas dinâmicas surgidas” (Sansão Fontes et al, 2020:88). Iniciou-se pela elaboração de propostas em grupos, seguida da escolha da melhor proposta base e da incorporação de sugestões pontuais de todos os grupos, de forma a sintetizar as contribuições do coletivo de estudantes. Posteriormente, a turma foi dividida em novos grupos para a produção de cada das frentes de ação: pintura, mobiliário, vegetação, processo participativo, contagens, exposição de projetos, comunicação, bazar etc. Finalmente, foi realizada a montagem, ativação, registros, coleta de dados, desmontagem e sistematização dos resultados.

2.1. Ações táticas

As duas ações táticas apresentadas a seguir, portanto, correspondem a 1 das 3 etapas do processo projetual das disciplinas, materializando-se na escala do corpo e diferenciando-se no que se refere a: **espaço suporte, atores envolvidos, procedimentos de medição e engajamento e financiamento.**

2.1.1. Praia da Bandeira

¹ Caso deste artigo, cuja autoria reúne docentes e estudantes de Doutorado em Urbanismo.

Realizada em dezembro de 2022, a ação Praia da Bandeira ocorreu no encontro das ruas Barão de Iguatemi e Travessa da Soledade, local selecionado a partir de estudos urbanísticos e de viabilidade realizados ao longo da disciplina.

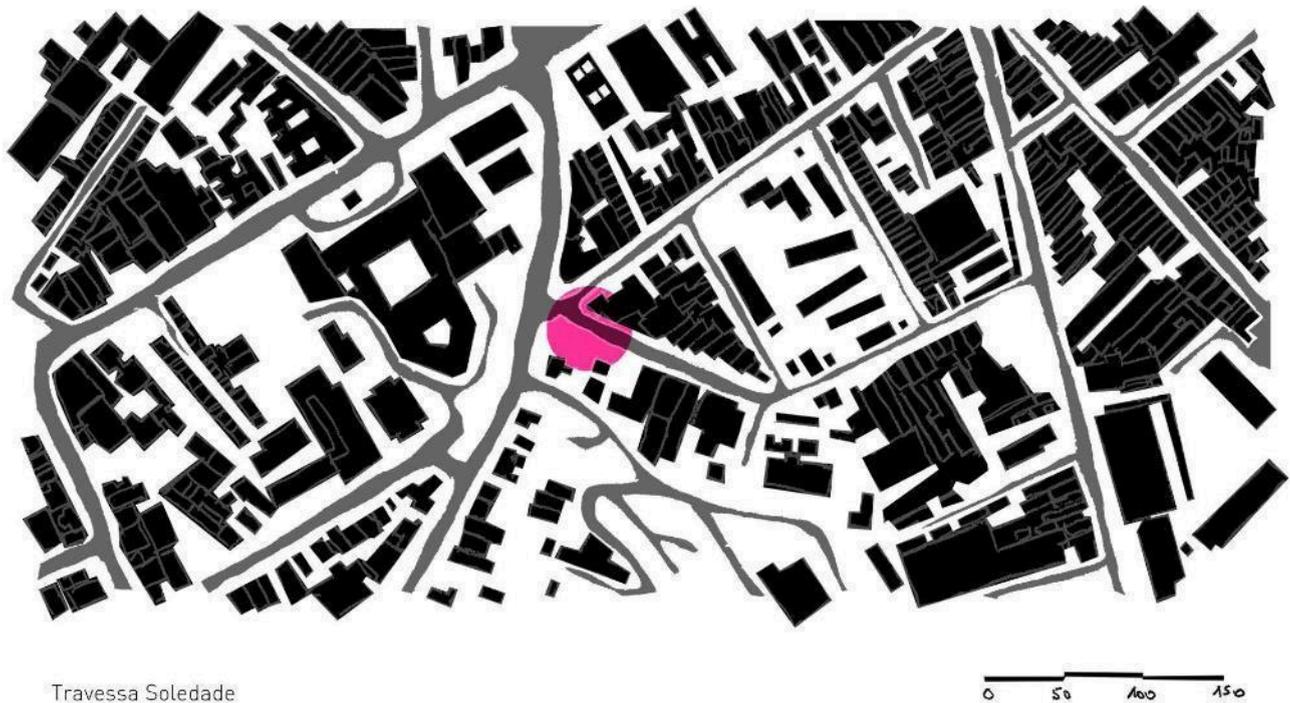


Fig. 01 Área de intervenção: Ação Praia da Bandeira.

Materializada como etapa final do projeto, a ação funcionou como um teste do espaço e simulou configurações urbanísticas mais amigáveis para o local. Diferentes instâncias do poder público, instituições do terceiro setor, associação de moradores e comunidade local² se articularam à Universidade para a realização da ação.

Ação 1 – Praia da Bandeira			
Espaço suporte	Atores envolvidos	Procedimentos/ Instrumentos	Financiamento
Praça da Bandeira	Universidade, Instituto Cultural da Dinamarca (Vida Local Rio), associação de moradores, subprefeitura da Grande Tijuca e comunidade local	contagem de tráfego, processo participativo, doação de mudas, oferta de comida e bebida, música e exposição dos projetos	Patrocínio do Instituto Cultural da Dinamarca
Bairro residencial de morfologia tradicional			

Fig. 02 Quadro com as especificidades da Ação Praia da Bandeira.

A ação durou dois dias, incluindo montagem e ativação. Fazendo uso de pinturas com estêncil e materiais de pouca durabilidade, foram implementadas: simulação de extensões de calçada, adição de uma faixa de travessia, montagem de barracas para comida, estrutura de andaime com instalação de áreas de estar, balanço, cobertura, mesa para DJ e banner informativo, disposição de mobiliário e mudas de plantas,

² Essa ação integrou-se ao projeto Vida Local, idealizado pelo Instituto Cultural da Dinamarca junto ao sociólogo ativista Jesper Koefoed-Melson, com coordenação e produção do Instituto Agente Muda.

organização de exposição na rua e no interior de um container, contendo painéis e maquetes produzidas pela turma, além de um mapa interativo para processo participativo.

Após a montagem, os moradores foram convidados a usufruir do novo espaço público. Através de processo participativo, exposições, apresentações artísticas e serviços oferecidos por microempreendedores locais, a ação pretendeu fortalecer a comunidade local e ampliar seu diálogo com a academia e o poder público, mostrando a potência de um espaço construído coletivamente.



Fig. 03 Praia da Bandeira. Ao fundo vê-se parte do grafite apagado.

Ocorreram conflitos e interferências durante a montagem e ativação, como: a desautorização repentina do fechamento temporário da rua, antes formalizado junto ao poder público; chuva torrencial que chegou a danificar parcialmente o equipamento sonoro instalado; denúncia de que os promotores da ação haviam removido um grafite de uma personalidade local relevante; e divergências com o centro cultural vizinho sobre o posicionamento de mobiliário nas áreas públicas. Essas e outras situações imprevisíveis tiveram que ser respondidas rapidamente, de modo a transformar os conflitos em potências pedagógicas para todos os envolvidos.



Fig. 04 Praia da Bandeira. Montagem da exposição no interior do container.



Fig. 05 Praia da Bandeira. Difusão do evento via megafone.



Fig. 06 e 07 Praia da Bandeira. Montagem no interior do container. Mural interativo para coleta de dados.



Fig. 08 Praia da Bandeira. Performances ocorridas durante a ação.

2.1.2. *Baixo Chile*

Realizada em dezembro de 2023, a ação Baixo Chile transformou a área inóspita do baixo da primeira passarela da Av. Chile em um espaço com foco nas pessoas e na mobilidade ativa, funcionando como uma ação de teste de um dia que ofereceu simulações parciais dos projetos realizados ao longo da disciplina.

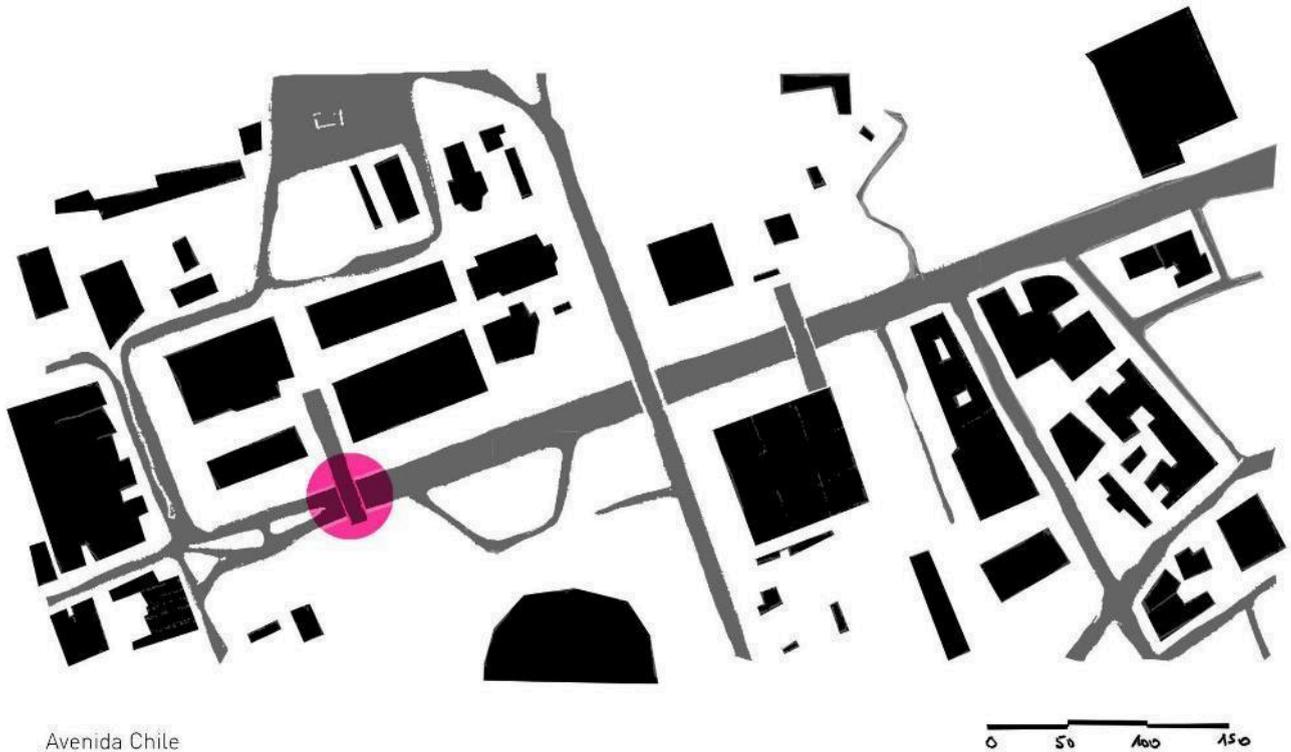


Fig. 09 Área de intervenção: Ação Baixo Chile.

A ação contou com o apoio do Escritório de Planejamento da Secretaria de Fazenda da Prefeitura do Rio de Janeiro, no âmbito do projeto do Distrito de Baixa Emissão,³ além da interação com transeuntes.

Ação 2 – Baixo Chile			
Espaço suporte	Atores envolvidos	Procedimentos/ Instrumentos	Financiamento
Avenida Chile	Universidade, PCRJ, Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro (CET-Rio), Companhia de Limpeza Urbana (COMLURB), transeuntes	processo participativo, doação de livros e mudas, exposição dos projetos	Recurso da FAPERJ para o Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático - LabIT/ PROURB-FAU/UFRJ
Eixo viário corporativo de características modernistas			

Fig. 10 Quadro com as especificidades da Ação Baixo Chile.

A ação converteu uma faixa de rolamento da avenida em uma ciclovia e uma extensão de calçada contendo áreas de estar e uma exposição dos projetos realizados na disciplina. Na calçada, sob o baixo, foi instalado um ponto para doação de mudas e de livros e um paraciclo para estimular a guarda de bicicletas. Utilizando a passarela como apoio, foi instalada uma imensa cortina que serviu de suporte a um processo participativo

³ A criação do Distrito de Baixa Emissão faz parte do compromisso carioca com o C40 (grupo de cidades internacionais que se juntou para pensar nas questões climáticas) cujo objetivo é promover ruas verdes e saudáveis.

para consultar sobre as demandas para a rua. Todas as propostas foram materializadas com uso de pinturas com estêncil e materiais de pouca durabilidade, removidos após o fim da intervenção.



Fig. 11 Baixo Chile. Pintura de piso no baixo do viaduto.

O apoio da CET Rio na operação de trânsito para fechamento da faixa de rolamento e da COMLURB na limpeza prévia do baixo foram fundamentais para a viabilização da ação. A ciclovia foi imediatamente utilizada pelos ciclistas da região, e houve engajamento de dezenas de passantes, que responderam perguntas e receberam doações.

Como costuma ocorrer em ações efêmeras deste tipo, houve interferência da polícia militar cobrando a autorização para pintura da faixa de rolamento, porém, como a intervenção estava formalizada, não houve maiores conflitos. Entretanto, posteriormente à desmontagem, houve um desentendimento com a CET-Rio, que solicitou que algumas marcas da ação, não executadas com tinta lavável, fossem removidas, sob a alegação da segurança viária.



Fig. 12 e 13 Baixo Chile. Extensão de calçada e exposição de projetos.

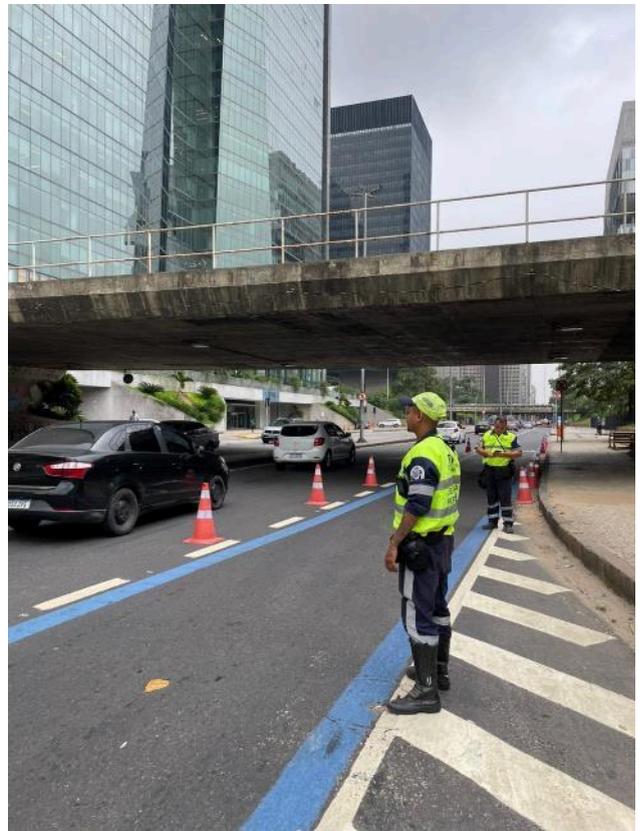


Fig. 14 e 15 Baixo Chile. Doação de mudas e operação de trânsito.

3. Resultados e discussão

A partir dos resultados obtidos nas ações, é possível identificar alguns aspectos, de natureza metodológica (1), projetual (2) ou de gestão (3), que as aproximam ou as diferenciam.

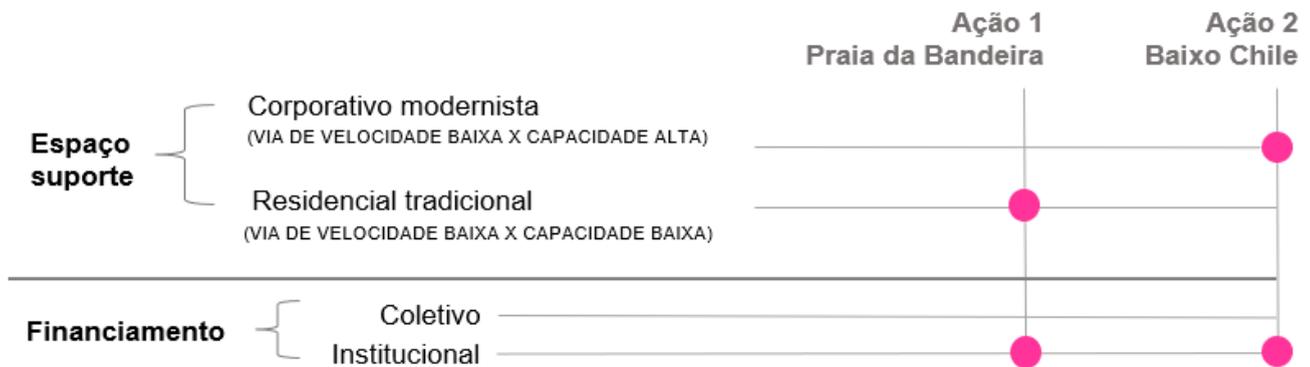


Fig. 16 Quadro comparativo das ações táticas.

(1) A começar pela **composição de atores envolvidos e as interações da equipe com eles**, antes, durante e após as ações. A ação Praia da Bandeira foi a de maior envergadura, tanto nas articulações entre atores sociais, o que lhe permitiu maior aderência ao contexto local, quanto ao financiamento. Não obstante, isso não a blindou de imprevistos, como a repentina desautorização do fechamento da Travessa para circulação de veículos durante a intervenção. Na noite anterior à ação, após ordens políticas superiores, o mesmo órgão público, que antes havia formalizado a autorização, cancelou-a, após a execução da primeira etapa de montagem e sem um documento formal de desautorização. Isto pode ser lido como simples desarticulação entre entes públicos ou mesmo como demonstração de poder sobre os espaços públicos. A despeito da reviravolta, o resultado alcançado demonstra o grau de improvisação e flexibilidade necessários para lidar com a intervenção sobre dadas circunstâncias.



Fig. 17 Sinalização de fechamento da rua para veículos com apoio dos órgãos públicos.

No caso do Baixo Chile, um incidente ocorreu pós-intervenção. Uma sinalização “insurgente” (Hou, 2010) de ciclovia, feita com tinta não lavável, criou um constrangimento entre as instituições parceiras, só resolvido mediante o retorno e reparo da mesma com tinta preta, deixando para trás as marcas da intervenção.

Incluídos tais conflitos, houve importantes momentos de aprendizado no corpo a corpo com a cidade, sejam eles espontâneos -adquiridos pela postura reflexiva de, a todo tempo, permitir-se ouvir a cidade-, ou provocados. No grupo de apreciações espontâneas, destacamos as relativas às demandas dos transeuntes que se veem afetados pela montagem e podem ter sua opinião considerada em tempo real. Isto ocorreu na Praia da Bandeira, quando a equipe executora atendeu à demanda de um morador por uma nova faixa de travessia.

Com respeito às apreciações provocadas, grande parte surgiu dos processos participativos propostos, seja por meio do mapeamento (Praia da Bandeira) ou da pergunta-chave, que no Baixo Chile foi: “como você se sente ao passar aqui?” impressa no asfalto. Nota-se que a força da “rapidez” presente nas ações táticas também denota uma fraqueza potencial. O processo de engajamento efetivo, que dependeria de um tempo dilatado de incorporação pessoal -como se vê frequentemente nas intervenções providas das festas populares tradicionais- não é alcançado em grande parte dessas ações táticas, exigindo-se, com isso, que sejam adotados procedimentos específicos para este fim, que, em geral, demonstram menor efetividade. Podemos citar alguns, como a oferta de comida e bebida e a música, que transformam o processo em um momento festivo (Praia da Bandeira). Ou mesmo a estratégia de “troque sua resposta por uma muda de planta”, utilizada no Baixo Chile como forma de atrair a atenção do transeunte apressado, dando a ele um benefício pela pausa.



Fig. 18 Quadro comparativo dos procedimentos utilizados.

(2) O principal aspecto de natureza projetual que pareceu ter influência nos resultados diz respeito ao **espaço suporte** utilizado. A ele nos referimos aos diferentes tecidos urbanos nos quais as ações ocorreram, de características afins à “primeira era da cidade”, segundo Portzamparc (1997:9), a cidade tradicional que “apresenta uma extraordinária constância. Um mesmo esquema, único e simples, organizou-a: a rua” (Praia da Bandeira), e à “segunda era”, a cidade modernista não mais planejada “segundo os vazios dos espaços públicos, mas a partir de objetos cheios sucessivos” (Portzamparc, 1997:9) (Baixo Chile). Esta diferente forma urbana, como sabemos, tem impacto na apropriação do espaço. A maior compacidade e densidade de edificações do bairro da Praça da Bandeira, e a conformação clara da rua como principal elemento urbano, de certa forma estimulam a permanência no espaço público. Por outro lado, a escala monumental da Av. Chile, organizada em dois níveis, sem esquinas ou claras definições entre o público e privado, e, sobretudo, sem fachadas ativas, representa um desafio adicional. O transeunte está muito mais em estado de trânsito do que predisposto à permanência. No entanto, precisaríamos de mais ações em distintos tecidos para afirmações mais conclusivas.

Outro aspecto a ressaltar, neste caso relativo à **composição de atores envolvidos e as interações da equipe com eles**, é o fato da ação 1:1 permitir a análise mais qualificada para identificação dos problemas de projeto. Isto ocorreu na Praia da Bandeira, quando, ao longo do processo, identificou-se a presença de uma “ocupação” em um imóvel que antes se presumia desocupado. O que poderia ser encarado como um “erro” em um processo convencional de projeto, em uma ação de urbanismo tático significa um momento de reavaliação e redesenho projetual.

(3) Finalmente, importante incluir a última variável que influenciou nos resultados, dessa vez de natureza de gestão: os variados níveis de **financiamento** obtidos para concretização das ações que, por sua vez, estão relacionados à composição de atores de cada uma. Interessante notar que aqui emergem as articulações às quais Lydon e Garcia (2015) chamam atenção, quando sustentam que “o urbanismo tático é usado por uma gama de atores, incluindo governos, mercado, organizações sem fins lucrativos, grupos de cidadãos e indivíduos” (p. 2). As ações táticas capitaneadas, nestes casos aqui apresentados, pela universidade pública, puderam viabilizar-se operacionalmente com o apoio do primeiro setor, seja através da isenção de taxas obrigatórias, como custo de instalação de equipamentos, uso de energia elétrica de via pública, entre outros; ou do terceiro setor, pelo patrocínio Institucional (Praia da Bandeira), além de recursos de pesquisa via fundações públicas (Baixo Chile). Nota-se, no entanto, uma enorme dificuldade de obtenção de recursos financeiros advindos diretamente do primeiro setor, mas isto avança por reflexões que extrapolam o objetivo deste artigo, embora digam respeito às responsabilidades do Estado na provisão de espaços públicos de qualidade.

Não obstante, vale mencionar que, como comum em ações de urbanismo tático, ambas experiências tiveram baixo custo, adequando-se ao escopo de ação da universidade pública, tendo se mostrado instrutiva e necessária a discussão sobre custos e prioridades no uso dos recursos.

4. Considerações finais

Há cerca de 6 mil anos, as cidades têm nas ruas um dos principais elementos morfológicos estruturadores. Os traçados das ruas e suas soluções específicas são testemunhos de adaptações aos sítios, por um lado, mas, sobretudo, do embate de diversas visões e desejos por parte daqueles que as produzem: as pessoas. Esses produtos ou artefatos (Argan, 1993) - as ruas - são frutos de escolhas, reflexões e ações que permeiam desde a definição da materialidade do leito que conduz os fluxos (águas, pedestres e veículos), até as escolhas dos elementos fixos, como arborização e edificações que, em muitos casos, delimitam a rua.

As ruas são, por excelência, espaços de uso, fruição, experimentação e, por que não dizer, espaços de aprendizado. Nesse contexto, o Projeto da Rua visou integrar ensino, pesquisa e extensão, buscando aprimorar os processos colaborativos entre academia, poder público e sociedade civil. Na tradição da FAU UFRJ, a reflexão-na-ação encontra espaço nos ateliês de projeto, onde a prática do projetar não apenas antecipa questões práticas e cenários, mas também proporciona um ambiente propício à experimentação e aprendizado com erros e revisões, fundamentais para a formação de sujeitos emancipados e autônomos.

O “Projeto da Rua”, em sua essência, é uma iniciativa pedagógica que se concentra em formar arquitetos, urbanistas e paisagistas com visão crítica e conscientes da metodologia de Urbanismo Tático. O projeto não visa resolver de forma permanente os problemas específicos dos locais onde ocorreram as ações, mas, sim, promover uma reflexão prática para o desenvolvimento de habilidades em um contexto real, desdobrando, quem sabe, no que denominamos como agentes multiplicadores, aqueles capazes de replicar os ensinamentos e impactar em seus territórios.

As intervenções apresentadas correspondem ao que os expertos do urbanismo tático definem como fase efêmera, a fase dedicada a ações mais “festivas” destinadas à ativação inicial do espaço, ao levantamento de dados e à exposição de novas possibilidades para a rua. Uma avaliação mais eficiente do impacto das ações – algo que não foi objetivo deste artigo – dependeria de uma maior permanência: a fase temporária, como denominam os urbanistas táticos. Com ela seria possível avaliar impactos diversos, tais como: redução de velocidade dos veículos em função da nova caixa, apropriação da ciclofaixa pelos ciclistas, quantidade de usuários atravessando nas novas travessias, aumento do movimento nas calçadas, entre outros desdobramentos da dinâmica das ruas, que poderiam informar para futuros projetos mais duradouros e novas políticas públicas.

O Urbanismo Tático se destaca pela sua capacidade de promover intervenções imediatas e escaláveis no espaço público. Nesse sentido, as intervenções reconhecem na rua um artefato que permite “aprender

fazendo” e avaliar os impactos em tempo real, indicando revisões e abrindo possibilidades para uma transformação bem-sucedida do espaço após o reconhecimento das demandas e desejos das pessoas (e dos viventes, por que não?). Mas esse não é um processo linear. Pressupõe embates ou, como defende Schön (1993), confusão e incerteza para que, assim, ocorra o processo de aprendizagem pela reflexão-na-ação. Cabe ainda destacar que o processo de aprendizagem aqui discutido aproximou o sujeito acadêmico (cada um dos estudantes, professores, tutores, pesquisadores) do sujeito multitudinário (a totalidade da diversidade dos agentes envolvidos), corpo do qual o primeiro também passa a fazer parte, sendo este o principal sujeito de todo espaço urbano.

5. BIBLIOGRAFIA

ARGAN, G. C. (1993). **História da Arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes.

HOU, J. (2010). **Insurgent Public Space**. Guerrilla urbanism and the remaking of contemporary cities. New York: Routledge.

LYDON, M. e GARCIA, A. (2015). **Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change**. New York: Island Press.

NACTO (2013). **Urban Street Design Guide**. New York: Island Press. Disponível em: <https://nacto.org/publication/urban-street-design-guide/>

PORTZAMPARC, C. (1997). **A terceira era da cidade**. Revista Óculum Ensaios, v. 9.

SANSÃO FONTES, A. et al. (2020). **Urbanismo Tático: um guia para as cidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Rio Books.

SCHÖN, D. (1992). **Formar professores como profissionais reflexivos. Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote.

SCHÖN, D. (2000). **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed.